

Leonardo Fróes



Leonardo Fróes nasceu em Itaperuna, Rio de Janeiro, em 1941; é poeta, tradutor, jornalista, naturalista e crítico literário brasileiro. Foi criado na cidade do Rio de Janeiro. Desde os 18 anos é jornalista, sendo, nessa época, redator do Jornal do Brasil, O Globo e também da Encyclopaedia Britannica. Esteve ligado dez anos depois ao Jornal da Tarde, de São Paulo, onde assinava a coluna Verde. Nessa época, foi um dos primeiros a difundir no Brasil a consciência ecológica.

Viveu durante alguns anos em Nova Iorque e em alguns países europeus.

A tradução constitui sua principal atividade profissional. Traduziu para o português livros de William Faulkner, Malcolm Lowry, D. H. Lawrence, Tagore, George Eliot, Lawrence Ferlinghetti etc. Traduziu também livros de especialistas em ciências da natureza, como os do ornitólogo Helmut Sick e o mirmecólogo Edward O. Wilson.

Desde a década de 1970 recolheu-se em Petrópolis, onde mora em um sítio com a esposa e filhos.

Como crítico literário e ensaísta, além de ter contribuído e de esporadicamente continuar contribuindo com jornais, esteve ligado também à revista Piracema como subeditor e como editor na Fundação Nacional de Arte.

“Todo grande poeta — e Leonardo Fróes, sem favor algum, é um deles — se renova na repetição, no aprofundamento de seus temas e problemas, na cristalização de sua linguagem e de seu estilo.” Ivan Junqueira, da Academia Brasileira de Letras

Poesias

- * Língua Franca, 1968
- * A Vida em Comum, 1969
- * Esqueci de Avisar que Estou Vivo, 1973
- * Anjo Tigrado, 1975
- * Sibilitz, 1981
- * Assim, 1986
- * Argumentos Invisíveis, 1995, Prêmio Jabuti - Poesia 1996
- * Um Mosaico Chamado a Paz do Fogo, 1997
- * Quatorze Quadros Redondos, 1998
- * Chinês com Sono Seguido de Clones do Inglês, 2005

Contos

- * Contos Orientais: Baseados em Fontes da Antiga Ásia, 2003

SOBRE UM TEMA DE CONFÚCIO
Leonardo Fróes

Que fique pelo menos um homem
sozinho num bar deserto pensando
em nada de especial e curtindo
pessoas atarefadas que passam.

Que a ele pelo menos aquilo
tudo — a pressa das tarefas e os carros —
pareça uma paisagem vazia
e até certo ponto sem cabimento.

Que esse homem sentado, soterrado
talvez em decepções amargas, se oriente
para ouvir a canção além dos passos
e além de sua própria pessoa

que assim no delírio urbano ressoa
sem função social senão deixar
que a boca filosofe assobiando
e o ouvido obediente perceba.

(Inédito)

BROCHE VIVO
Leonardo Fróes

Tão leve no seu vestido estampado,
solto e com uma alça caída,
sentada embaixo de uma árvore
em cuja sombra o sol penetra
com finas riscas langorosas,
a mulher lendo, emparedada pelo livro
que tem nas mãos,
nem demonstra sentir na pele doce
a chuva ou saraivada de insetos
que a percorre, caindo em linha reta
da árvore espaçosa, e pausa
nos seus ombros nus, nos braços
e no cabelo sedoso,
para adornar-lhe o corpo pensativo
como jóias raras,
como broches vivos.

(Inédito)

MULHERES DE MILHO
Leonardo Fróes

Milhares de mulheres de milho
brotam do meu olho calado como espigas
fortes. No ar elas se endireitam

como folhudas criaturas carnosas
que ao vento se transmudam, de fêmeas,
em formosos penachos machos.

Acho graça na cruz; penso nisso
que é ser mulher a passo
de, sob a vertigem solar, virar confusa

hibridação. Abro-me. Brinco
de me dar. Rapto-me e opto-me
como se eu mesmo fosse me comer inteiro

enquanto as coisas simplesmente nascem.

(De Anjo Tigrado, 1975)

JUSTIFICAÇÃO DE DEUS
Leonardo Fróes

o que eu chamo de deus é bem mais vasto
e às vezes muito menos complexo
que o que eu chamo de deus. Um dia
foi uma casa de marimbondos na chuva
que eu chamei assim no hospital
onde sentia o sofrimento dos outros
e a paciência casual dos insetos
que lutavam para construir contra a água.
Também chamei de deus a uma porta
e a uma árvore na qual entrei certa vez
para me recarregar de energia
depois de uma estrondosa derrota.

Deus é o meu grau máximo de compreensão relativa
no ponto de desespero total
em que uma flor se movimenta ou um cão
danado se aproxima solidário de mim.
E é ainda a palavra deus que atribuo
aos instintos mais belos, sob a chuva,
notando que no chão de passagem
já brotou e feneceu várias vezes o que eu chamo de alma
e é talvez a calma
na química dos meus desejos
de oferecer uma coisa.

(De Sibilitz, 1981)

METAFÍSICA E BISCOITO
Leonardo Fróes

no meio dos latidos da noite
quando o silêncio atinge a qualidade
dos latidos da morte e as folhas caem
impressionavelmente sangradas;
no meio frio de um colchão inquieto
com os olhos pensativos resvalando no teto
e as mãos descendo pelo corpo
como a buscar sua realidade longínqua
quando os morcegos da melancolia
atravessam sem bater entre as árvores
e alguma coisa enraizada confusa
parece brotar de novo entre as pernas;
nesse espaço fundamental reduzido
onde as idéias se sucedem largadas
numa associação intempestiva
que é impossível deter ou compreender;
no cerco sem limite de um quarto
que roda em vários mundos e alterna
com a sensação de não haver nada disso
que dá contorno e forma à própria insônia —
— o homem dá um salto e se puxa
para fora do pântano
e devora um biscoito
e bebe um copo d'água e acende
um cigarro e mais outro.

(De Assim, 1986)

PAVIOLA
Leonardo Fróes

o que interessa — tão pouco — está no osso
como um ferro chiando enquanto voa
uma borboleta na sala;

o que inter-essa não é nada disso
que está em cada e cala e talvez passe
como em meu corpo desanda uma avenida óssea

com suas luzes de carnifica;
estar na terra, ou isso
que há no osso — um grão — é o quanto posso

quando longe de mim na borboleta que passa?
o que interessa — não, o que inteiriça
na dissolvência como um sonho em brasa

é pensar que me ponho, estando em terra,
num estado de brisa: e logo vejo
que mesmo isso é pura ilusão minha.

(De Assim, 1986)

INTRODUÇÃO À ARTE DAS MONTANHAS
Leonardo Fróes

Um animal passeia nas montanhas.
Arranha a cara nos espinhos do mato, perde o o fôlego
mas não desiste de chegar ao ponto mais alto.
De tanto andar fazendo esforço se torna
um organismo em movimento reagindo a passadas,
e só. Não sente fome nem saudade nem sede,
confia apenas nos instintos que o destino conduz.
Puxado sempre para cima, o animal é um ímã,
numa escala de formiga, que as montanhas atraem.
Conhece alguma liberdade, quando chega ao cume.
Sente-se disperso entre as nuvens,
acha que reconheceu seus limites. Mas não sabe,
ainda, que agora tem de aprender a descer.

(De Argumentos Invisíveis, 1995)

TIÊ-SANGUE
Leonardo Fróes

existe um passarinho vermelho tiê-sangue no mato
perto da situação casual de eu lembrar você e ele
aparecer subitamente ou passar como um raio levado
na abertura azul das duas folhas que um ventinho destrança.

existe um passarinho tiê-sangue que é a essência
da codificação deslumbrante desses momentos que passo
à busca búsqeda incompreensões largado
na liquidez completa de não contar com uma explicação para hoje.

um passarinho tiê-sangue avançando
no balanceamento aqui das rodas crepusculares do acaso
que por acaso é o nome das circunstâncias que eu dou
à roda madrugadas tiê-sangue subindo
e balançando aqui no alto do morro como um passarinho.

existe uma infinita, uma fita imensurável, a quinta
pérola do alfabeto dentário do Cadmo plantando palavras

numa brincadeira atônita
de dizer que existem o Infinito e a Água.
um tiê-sangue bem bonito suspirado parando
como a atingir na ponta-do-galho o Momento Extremo.

(Em Vertigens)

ESTAR ESTANDO
Leonardo Fróes

A impressão de estar, o lento
espanto que se repete. Aqui e onde, eis como
povôo ao mesmo tempo dois espaços
ou, mais que isso, passo a noite inteira
vivendo as sensações de um fragmento
que me é próprio, ou é-me o corpo todo,
e de repente vai sem deixar marca
entre o que foi e o há de ser. Deslizo
nessa fronteira vã que não separa
nada e ninguém, passado nem presente, simples
e uniforme
faixa de areia da qual jorram palavras,
visões, retratos, intenções. É sempre agora
e nunca, sempre sono e manhã, sempre uma coisa
que num jogo dual se nulifica
para sobrar de nós sempre esse caldo
de frustração e medo - ou de esperança.

PAISAGEM VOANDO PARA O ORGASMO
Leonardo Fróes

Trens sonolentos resfolegam
na gare do escuro rostos antigos se alumbram
e nos sorriem discreta-
mente a razão se estilhaça os sentidos
se destapam os cheiros se condensam os sabores
se associam ao cuspe a vida nos penetra o vento
nos penteia e espalha

por coloridas areias os dias nos dividem
os horários nos limitam a memória escasseia o mar
devolve ondas vazias
em que já fomos levados
nas noites frias de outrora o outro espia o outro espera o outro
nos sedimenta em nosso desvario
e ensina um corpo à solidão
o outro ampara a nossa queda beija
nossos pudores e a boca
sempre entupida de espanto o canto explode
o gato canta a cama range o ar se fende o riso
nos comunica o gosto diferente
desse gesto largado o riso alarga eleva desarruma as gavetas
de nossa servidão cotidiana.

MISSAL SEM CERIMÔNIA
Leonardo Fróes

Certo ar de falência, certa estrela
na testa, certa sorte bifronte, certos
objetos entesourados
no fundo de uma mala, certa mágoa
ambígua, o som de certos ambientes, a
impressão incerta de estar numa
travessia sem freios, a defesa
de certos itens na lembrança
caolha, certos
calafrios sem causa, o grau
de inocência e tristeza em certas horas
sombrias, a importância de certos

detalhes, a pergunta não-feita e sua certa
resposta incerta, o brilho
anterior a certos sinais dados
pela palavra espanto.

METACOMEDIA
Leonardo Fróes

a boca da rua aberta comia amor e pipoca
depois ia cuspir um cavalo na cabeça da fila
fálica do sono dos ônibus com olhos-engates
gozadamente se cumprimentando sorrindo
na crina da velocidade sem meta, e motos
raspavam na brecha roxa da nicotina contida
em cada beijo de sorvete-soquéte uma vitrine
de meias tardes fantas meias tintas vontades
adocicadas de passar escorrer iluminar
de pipoca gratuita o mar das caras
fechadas de madames-fachadas que também
ali seriam derretidas virando
uma esquina e papéis, cavalo e motos, rótulos
puxados para Jogo esquecer qualquer lugar
na platéia da boca: aplausos falas urros
sarros corridos entre os carros e a lua
vigésima de neoplástico imposta aos pés doídos
de todos os que estavam vagindo
vagando
vertendo, do mistério do céu, seu pó mais fino
que não tinha função e no entanto moldava
essa nossa comédia que é o pão dos divinos.

EU E OS CABIDES DO DESTINO
Leonardo Fróes

tudo cedo parado: e eu novamente confuso
usando a roupa de um fantasma tremido suando
de andar por dentro de uma árvore aberta
muito imprecisa e sem qualquer novidade
que fosse idêntica às dentadas do sono
ou aos cabides do destino abalados
pelo sinal de alguém entrando tremido
gemer no meu desejo dançado assim que eu
próprio pensando amargurado o mastigue
sentidamente absoluto e marcado usando
o tição da roupa etérea de um tardo
fantasma juvenil que me devora também
suando de andar no caule ambíguo dos meus
braços longos e rasos
rasos e longos
na tentativa de virar uma árvore onde
antes havia simplesmente essa dúvida
de dar ou receber os meus frutos
que são pessoas fugitivas do acaso.

A POESIA E A MATANÇA DOS MOSQUITOS
Leonardo Fróes

Cada poema original que escrevo à máquina contém pelo menos 2 ou 3
cadáveres de mosquitos esfregados no rolo.
Isso porque escrevo muito de madrugada com a luz acesa .
Antes de amanhecer eu apago para espiar a mutação de cores.

Meu editor um dia vai receber a coleção completa.
Parece que Pablo Neruda colecionava por sua vez caramujos.
Uma senhora que me visitou outro dia achou que tenho alma de artista.
Como as pessoas são boas observadoras agora.
Os meus cachorros latem muito de noite quando estou escrevendo.
Eu acho isso muito chato porque fico tenso.
Às vezes eu penso que vai sair do mato um macacão enorme.

DIA DE DILÚVIO
Leonardo Fróes

Quando chove assim tão seguidamente na serra
e começa a pingar água na casa e a goteira
cresce e a pia entope e alaga o chão,
quando não cessa esse barulho insistente
de água penetrando em tudo e rolando,
sinto uma desproteção total violenta
e eu mesmo sendo dissolvido também
nessa casa alagada, não me acho
enquanto solidez: vou flutuando
como onda inconstante na correnteza.

UM PASTEL CHEIO DE DEDOS
Leonardo Fróes

Antes de chegar a Jardel, parei para comer um pastel
do qual, quando mordi, saíram pernas bonitas
de garotas fritas, mais um caroço de azeitona que comi também
sem pensar que loucura
um pastel erótico sentimental com cerveja que espremia
não só as pernas como também braços e cabelos no balcão do bar
eu não sabia se pedia um pano um balaio
comecei a ficar encabulado de tantas de uma só mordida
não sabia se botava no bolso ou se distribuía na rua
deus do céu que situação penosa
corpos em quantidade escorrendo do recheio de queijo
pela comissura dos lábios,
e eu, em terra estranha, tendo de parecer que era apenas
um idiota se babando com pastel fresco.

AMBIÇÕES DE ASSOMBRAÇÕES
Leonardo Fróes

Incertos os galhos tortos, você
vê, armam-se como esqueletos
de silenciosa e fria carnadura
como se, no escuro, de cada galho
surgissem numerosas pessoas
vendo você observá-las na sua
desabitada languidez vegetal
de pessoas nuas resinosas
querendo corporificar sem poder
gestos aflitos, ritos solitários
músicas de imperceptível tremor
e, naturalmente, a semente da morte
inoculada por cada criatura
no seu próprio olho desmesurado.

RADIAL X
Leonardo Fróes

Surto absurdo absorto
ânsia de presença maciça
massa musical momentânea
tonalidades dispersivas da luz
musculatura brutalidade candura
durações do pensamento no éter
formoso remorso da geometria
quebra de situações pontuais
espelhos sutis homologados
sismografias dissolutas
ânimo indeterminado dos ares
voracidade das vontades.

MISSAL SEM CERIMÔNIA
Leonardo Fróes

Certo ar de falência, certa estrela
na testa, certa sorte bifronte, certos
objetos entesourados
no fundo de uma mala, certa mágoa
ambígua, o som de certos ambientes, a
impressão incerta de estar numa
travessia sem freios, a defesa
de certos itens na lembrança
caolha, certos
calafrios sem causa, o grau
de inocência e tristeza em certas horas
sombrias, a importância de certos
detalhes, a pergunta não-feita e sua certa
resposta incerta, o brilho
anterior a certos sinais dados
pela palavra espanto.

RELAÇÕES DE ESTRANHAMENTO
Leonardo Fróes

A enxó o giz o grilo o cinzeiro
a cruz a carcaça a desova
a honra os retratos a herança o remorso
a usura o anzol o sono
e sua pesca de anseios afogados
no açude da infância o gosto
de sono das palavras

que nos ferem a mente o riso o vômito
a lâmpada o fosso o paraíso os espelhos
que de repente derramam nossos olhos
pela face barbeada de um estranho.

ABERTO PARA OS DEDOS DE DEUS
Leonardo Fróes

se eu fizer pelo menos a manhã começar
dos meus cabelos e tirar mais um pouco
da última fatia e não ficar lamentando
a primeira oportunidade perdida, e se eu não der
bola para os preconceitos que me reduzem até
eu mesmo achar que sendo um ser humano eu me explico
na complicação cósmica desses bagaços distantes
que são tão simples,
se eu realmente não puser mais o pé na fantasia
do dia que está à minha espera e represa
tantas demonologias ferozes que eu esqueço de olhar,
se eu não ficar completamente maluco
por isso e o desejo de cumprimentar
deus em pessoa.

PREOCUPAÇÕES PALACIANAS
Leonardo Fróes

Mulheres muitas carregando pesados
papéis e leves grampeadores passam
com ar febril dos mais atarefados.

Soldados

perfilam-se nos corredores.

Senhores

entram apoiados em negras

malinhas trepidantes e paletós quadrados.

A secretária atura desaforos e cala. O boy

espreme espinhas pela sala, com sono.

Há uma pilha de pastas em cada mesa.

Em cada coração, um vazio.

A hora do café no copinho

de plástico é a salvação da lavoura.

©Protegido pela Lei do Direito Autoral
LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998
Permitido o uso apenas para fins educacionais.
Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, modificado e
que as informações sejam mantidas.